

Cartas intemporais do nosso tempo

XI

A um moço camarada, sôbre qualquer possível influência do romance brasileiro na literatura portuguesa

c) — O Brasil tem, ou propende a ter, actualmente, uma literatura própria, que não é a que pode ter Portugal.

Já ficou dito que acho naturalíssimo o facto de se encontrarem as literaturas portuguesa e brasileira no em que são afins. Porém no em que parece haver uma tentativa de imposição violenta dos temas, atitudes e tom de certa jovem literatura brasileira sôbre a portuguesa, (isto não por parte dos brasileiros mas sim de alguns portugueses) parece-me isso coisa muito contra-natural. Exceptuando aquêles raros escritores em que haja afinidades profundas com alguns dos seus jovens confrades brasileiros, (e êste se me afigura, por exemplo, o caso de Miguel Torga, cuja *Criação do Mundo*, sem que os nossos moços críticos da hora o tenham dito, não é inferior a vários livros brasileiros reclamados) — ¿ que poderá isso produzir senão contrafacções, exercícios de escola, produtos artificiais? Nada, sob um aspecto, mais *determinado*, sôbre outro, mais *livre*, do que a criação artística.

Depois de sobretudo se ter nutrido de influência europeia, o Brasil está hoje produzindo uma literatura talvez mais própria e original: por isso mesmo mais imprópria, sob alguns pontos de vista, a influenciar fecundamente a nossa. Há muito de *primitivo*, de *infantil*, de *popular*, numa parte da moderna literatura brasileira; o que está certo e aparece naturalíssimo. Sendo o Brasil uma nação jovem, e sendo um mestre brasileiro da conformação intelectual de Machado de Assis sobretudo excepção e produto de cultura importada, — compreende-se que uma parte do Brasil literário actual, mergulhando raízes em seu próprio solo, conscientemente ou não seja primitivista. Também se compreende que nessa literatura predominem, profundamente sentidas e portanto esteticamente eficientes, preocupações de ordem política e social que a história do Brasil justifica. Já declarei também pensar que, sob certos pontos de vista, a criação artística é muito *determinada*. Naquilo em que é determinada, inútil pretender impor-lhe seja o que fôr. Por isso desfalecem contra ela

tôdas as tentativas de violência e brutalidade, *até quando aceites pela pusilanimidade dos artistas*.

Ora Portugal é uma velha nação europeia; tem um passado rico; viveu uma história própria e acidentada; dispõe duma já longa experiência literária; já estendeu raízes que já nada pode cortar. Dessas raízes afundadas no solo próprio, já uma parte duma literatura importante se alimentou e frutificou: Tivemos os cancioneiros; os cronistas; o génio de Gil Vicente; a História Trágico-Marítima; Bernardim e Crisfal; o romanceiro popular; o génio de Camilo; António Nobre e outros... Claro que até nestas criações muito nacionais (poderei chamar-lhes mais *primitivas*?) interferiu embora em grau diferente uma cultura que se ia elaborando ao contacto de outros povos, de outras civilizações. E tivemos também altos expoentes dessa cultura, personalidades fortes através das quais o génio nacional se enriqueceu e alargou sob a influência dos mais variados contactos: Um Camões ou um Damião de Góis; um Padre António Vieira; um Garrett ou um Herculano; um Antero ou um Eça; um Fernando Pessoa e outros. Há várias limitações na nossa literatura. Também nela há algumas riquezas! Já que se dedicam à crítica literária, talvez não perdessem nada alguns jovens críticos em de longe a longe, para variar, ler ou reler algumas obras dêstes que *passaram à história*... Eis o que eu há dias pensava, jovem e prezado camarada, saboreando algumas páginas luminosas, tão actuais, (quero dizer perduráveis) d'*As Farças*. Mas aí de mim!, que mal acabo de escrever êste conselho que ninguém me pede, logo nele farejo o bafio da tal minha precoce velhice. Pois já agora, perdido por dez, perdido por mil: No seu artigo, lá vinham os costumados sarcasmos sôbre a pestilente poeira dos museus e bibliotecas, « *focos duma cultura afastada da vida*. » E penso eu, aí de mim!, que tão mefítica poeira, afinal não mais abundante, nem mais nociva, que a dos cafés, praças de toiros, clubes, campos de *foot-ball* e outros lugares, pode cobrir autênticas maravilhas vivas; e que afinal se torna pouco maléfica, a tal

famigerada poeira, quando os rapazes entrem com os olhos cheios de sol e os pulmões de oxigênio... O que é preciso é ter os olhos abertos e os pulmões sãos.

Por outras palavras: ¿Quererei eu insinuar, com essa rápida evocação da história literária de Portugal, que lhe estejam, ou devam estar, fechados os rumos do Futuro? De modo nenhum. Todos os rumos e horizontes do Futuro estão abertos a tôdas as nações e a todos os indivíduos. Não o acreditasse eu, e uma rápida observação do que aí vai por êsse mundo de Cristo (perdoa, ó Cristo!) bastaria a fazer-me vontade de ver acabar o mundo.

O que digo é o seguinte: Pode-se, talvez, reconquistar algumas vantagens da infância; já se não pode retroceder à infância. Todos os verdadeiros artistas são, sob certo ponto de vista, indivíduos muito virgens, muito crianças ou adolescentes, muito livres, muito voltados para o Futuro; e sob outro ponto de visto, muito *pesados* da sua própria experiência, da experiência da sua raça, ¿porque não de tôda a experiência do homem? Ter raízes e ter asas, como as árvores cobertas de ninhos, — é próprio dos artistas.

Ora excepto no em que lhe seja afim, sendo-o *positivamente* num critério valorativo; ou no em que ofereça vantagens afinal patentes em grau superior noutras literaturas contemporâneas, — aquela parte da literatura brasileira entre nós mais apregoada, estando muito certa no Brasil, só poderia, porém, atrair a sua confrade portuguesa a um retrocesso. De-certo, já eu próprio citei superioridades da moderna literatura brasileira muito dignas de servir de exemplo à moderna literatura portuguesa. Outras lhe reconheço além das citadas. Naturalíssimo seria portanto, (e natural é) que a moderna literatura brasileira, pelo que tem de superior, fôsse apontada como exemplo à portuguesa. ¿Mas não haverá outras literaturas contemporâneas ainda mais ricas nessas mesmas superioridades?

Fica aí essa simples pergunta.

À qual, todavia, eu próprio respondo:

d) — A moderna literatura brasileira não é a mais própria a enriquecer a portuguesa com o que nesta é deficiente.

Já me explico. E para começar, peço desculpa da deselegância de me transcrever. Escrevi há tempos num comentário da «*presença*»: «Sempre pensei, e continuo a pensar, — que as maiores deficiências de grande parte da nossa literatura resultam da sua debilidade como manifestação de inteligência, senso crítico, imaginação psicológica, poder analítico, dom de objectividade, gôsto de observação.» Ora muito bem!: Certo dom de objectividade e gôsto de observação, não os pos-

so nem quero negar aos melhores romances brasileiros contemporâneos; sobretudo no que diz respeito digamos aos aspectos físico, exterior, pitoresco, anedótico, no retrato dos personagens, descrição do meio, desenrolar das cenas. Assim o diálogo é em regra natural e representativo, a marcação dos gestos e atitudes viva, animada e convincente a aparência dos personagens, sóbrias as pinturas. Isto já é muito num romance. Por estas qualidades, bom seria que os romancistas portugueses, começando talvez pelos mestres, aprendessem também com os romancistas brasileiros até mais jovens. Simplesmente, isso não é tudo; nem, às vezes, o principal. O dom da objectividade pode referir-se não só a captar o que de objectivo, quero dizer: existente com vida própria, há, por exemplo, nos gestos e falas de qualquer personagem, mas também a aceitar a infinita variedade da vida através da variedade de ambientes, classes, tipos, heróis, problemas, conflitos, tendências, paixões, atitudes..., sei lá! Sem, aliás, traírem a sua personalidade vigorosa e o seu subjectivismo fundamental, — êsse é um dos milagres do génio os gigantes como um Balzac ou um Tolstoi são, emquanto romancistas, profunda e superiormente objectivos pela sua extraordinária compreensão da variedade e riqueza da matéria prima viva. Estes e os da sua raça entendem mesmo quando condenem; nem quando façam propaganda ou tomem partido falseiam; e amam como criadores tôdas as suas criaturas, ainda quando, como homens, odeiem os seus modelos. Ora esta suprema forma da objectividade do artista, esta largueza do génio que atinge o universal e o eterno humanos, — não posso eu crer, com a minha maníaca admiração por tôda a espécie de virtudes fora de moda, que se revelem onde não exista uma inteligência capaz de pesar a complexidade dos problemas; um senso crítico apto a distinguir o anedótico do substancial; uma imaginação psicológica pronta a animar tôdas as criações; um poder analítico próprio a introduzirmos em quaisquer labirintos; um gôsto da observação e um poder de simpatia suficientes a abarcar vários mundos...

Como vê, prezado camarada e amigo, a minha noção do *vivo* e do *humano* na obra de arte, em especial no romance, é afinal exigente; mais exigente, creio, do que a daqueles seus amigos para quem o empirismo lógico arrancou, enfim, à Esfinge a verdade absoluta, e o neo-realismo social revela a única beleza viva. Disse *creio*, e disse bem. Porque de-certo, eles sabem que não é assim; eles vêem que a minha *exigência* não passa de mais outra minha miragem, causada por uma fatal inversão de valores... E a prova de que os verdadeiros e fecundos exigentes são eles

—é que, por declaração dum seu porta-voz, tôda «a arte dos nossos dias — salvo raríssimas excepções! — é estéril, impotente, viciada.» Com o meu andar trôpego, eu não vou tão longe...

Mas pergunto: ¿A moderna literatura brasileira será mais rica do que tôdas nessas qualidades que faltam à nossa? Só assim — ou por uma simples questão de língua — se explicaria (não fazendo intervir no caso interêsses diversos do literário) uma tão fervorosa curiosidade pela literatura brasileira moderna, a-par duma quasi indiferença por outras literaturas contemporâneas. Os meus camaradas brasileiros não me levarão a mal que eu ache inaceitável a primeira hipótese. Quanto à segunda, tôda a gente vê que é insuficiente.

Falta-me tocar um ponto importante: Largamente sugeri eu próprio, ao longo desta carta, a inutilidade de se pretender *impor* a um povo e a uma literatura características estranhas; ou a de se pretender roubar-lhe as próprias. ¿Ora não serão a inteligência e o senso crítico, a imaginação psicológica e o poder analítico, o dom da objectividade e o gôsto da observação, virtudes que definitivamente repugnam ao português, e, por conseguinte, à sua literatura original? ¿E não será por isso mesmo que naturalmente êle se volta não tanto para as literaturas mais evoluídas como para as mais primitivas?

Ai, prezado camarada e amigo! alguma verdade haverá nesta triste suspeita! Mas não posso crer que tal seja a verdade cabal e definitiva. Salvas as honrosas excepções a essa triste suspeita e à hipótese que ora ponho, — prefiro crer que a nossa literatura está ainda num grau atrasado da sua evolução. E o caso é que sou eu, o atrasado, que venho dizer-lhe que é preciso empurrá-la...; que é preciso fazê-la avançar no sentido das suas honrosas excepções, não marcar passo a-dentro da sua indolência.

Estou a ver o seu sorriso: A tal inteligência, o tal senso crítico, a tal imaginação psicológica, o tal poder analítico, o tal dom da objectividade estética, o tal gôsto da observação gratuita, — Ah, como tais *virtudes* estão bolorentas e foram superadas pelo *homem novo*!

E eu metido comigo a pensar que nenhuma escala valorativa do homem, portanto das suas criações, pode deixar de estimar certas virtudes que julgo permanentes... embora sob aparências diversas.

Volto sempre à minha: Como êste mundo é variado e rico! Louvado seja Deus.

Sou o seu camarada e, ainda que julgue o contrário, amigo sincero,

(Conclusão)

JOSÉ RÉGIO

Polémica e abstenção

III

De facto êste fenómeno da «defesa automática do espírito» apresenta-se entre nós sob uma luz bastante singular. A situação em que o nosso país se encontra a tal respeito é mesmo de tal modo particular, que duvidamos mesmo que as palavras que dissermos a respeito desta ou doutras questões similares, por mais que elas se mostrem subtis possam alguma vez interessar alguém que não sejamos nós apenas portugueses — tão caprichosamente locais, tão estranhamente exóticas, tão «ratonamente» nacionais em suma tôdas elas se apresentam.

Em primeiro lugar, há a questão do analfabetismo. Porque, digam o que disserem, é em grande parte o analfabetismo que está na base da incultura dum país. É certo que o nível mental dum país não sobe imediatamente só porque se ensina tôda a gente a ler e a escrever. É certo também, por outro lado, que houve culturas em que eram antes raros os alfabetos. Mas nos nossos tempos modernos, em que as castas só

existem duma maneira mascarada, em que sobretudo elas não constituem já compartimentos da sociedade mais ou menos estanques, em que os seus elementos se encontram mais ou menos dispersos ou sem pelo menos formarem um corpo verdadeiramente uno e forte, e em que por isso os grandes homens são já recrutados por tôda a parte um pouco à sorte, acontece que o alfabetismo, se não é de facto condição suficiente para que haja uma cultura, constitui pelo menos condição necessária e talvez mesmo indispensável. Com efeito, quantos mais forem aquêles que souberem ler e escrever (e também, é claro, se não se mantiverem as classes chamadas inferiores cuidadosa e atentamente de lado), tantas mais serão as probabilidades de que se revelem espíritos que, sem isso, ficariam na sombra para sempre. Mas não é apenas isto. Há também que os que são apenas leitores (aqueles que pelo menos mostram interêsses pelas coisas do espírito), e mais ainda os bons leitores (aqueles capazes de formarem um juizo